



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Director e Editor: DR. JOÃO D'OLIVEIRA BASTOS

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica, 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANIA, R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

A TODOS os nossos illustres colegas que se referiram amavelmente ao reaparecimento do nosso jornal, aqui lhe consignamos o nosso mais profundo reconhecimento.

Consolam-nos as palavras de amizade que nos são dirigidas o que prova a sua boa camaradagem e que sempre nos esforcaremos por manter.

□ □ □

UM sapiente lembrou-se de distribuir na terra de sua naturalidade um panfleto incitando os seus conterrâneos a seguir as pisadas de Vizela, isto é, reclamar para aquela povoação a sua autonomia administrativa.

Estamos convencidos que este apelo não encontrou eco naqueles a quem era dirigido, pois todos compreenderão o quão difícil é a vida de concelhinhos.

Delembrar, retalhar uma forte organização administrativa é a mesma coisa que separar o molho de vimes. É enfraquecer, enfraquecendo-se.

Ainda bem que ha cerebros desempoeirados que sabem ver mais longe que aquelas almas pequeninas cujo horizonte não ultrapassa as paredes do estomago.

□ □ □

EMBORA tardiamente temos o prazer de noticiar aos nossos leitores, a nomeação do nosso particular amigo e distinto colaborador Ex.^{mo} Sr. Dr. José Acacio Pinto Rodrigues para o logar de sub-delegado do Procurador da República, nesta comarca.

Bacharel muito novo ainda, e ha pouco tempo vivendo entre nós, conquistou rapidamente a consideração de toda a gente, pelas suas apreciáveis qualidades de caracter.

Um abraço ao amigo e companheiro destas lides do jornal.

□ □ □

A COMISSÃO que foi a Lisboa com a honrosissima missão de defender os interesses, as tradições e os pergaminhos gloriosos da nossa terra tem sabido corresponder inteiramente às fundadas esperanças que na sua acção puseram todos os que confiadamente entregaram nas suas mãos tão elevada e nobre causa.

Composta por pessoas da mais inconcussa honorabilidade, por filhos dedicados e amigos fidelissimos desta terra, alguns deles vindos já das lutas porfiadas dos «Entusiastas», da sua acção não seria de esperar outra cousa.

Criado exclusivamente para zelar pelo bom nome desta terra e para prestar justiça a todos os que por ela saibam lutar, a todos os que a saibam amar carinhosa e entusiasticamente, o PRO VIMARANE orgulha-se por ter occasião de, seguindo os ditames imperiosos do seu elevado espirito de justiça, prestar esta homenagem singela, mas cheia de sinceridade.

□ □ □

ASSIGNAR o PRO VIMARANE e co-seguir-lhe assignaturas é dever de todo o bom vimaranense.

Mais uma vez...

Não é demais voltar a um mesmo assunto, continuar fixando, concretizando uma determinada atitude ou um certo facto, sempre que a isso circunstancias imperiosas obriguem.

Julgavamos ter já suficientemente marcado a nossa atitude e definidos os nossos propositos. Enganavamo-nos. A' nossa volta continua a lenda, surda e cega campanha dos que, por inconsciência ou simplesmente por malvadéz, malsinam e caluniam aqueles que, levados por intenções puras e animados dos mais honestos propositos, procuram com serenidade, mas com entusiasmo, efectivar, realizar uma obra que em consciência julgam ser boa e productiva.

A todos os que nos atacam, a todos os que, atrevidamente, à clara luz do sol ou encobertos, nas alfurjas sombrias, procuram lançar sobre nós a peçonha das suas intenções vis e as escorrências das suas almas enlameadas, respondamos uma vez mais—e serenamente.

Serenamente, sim, porque a serenidade é a qualidade maxima dos fortes, dos que não precisam de criar à sua volta o foguetear das palavras exaltadas, bombásticas, mas desprovidas de sentido. Respondamos serenamente,—de uma vez para sempre.

* *

*

O PRO VIMARANE não é um jornal de garotos. É, sim, um jornal de novos, feito com o entusiasmo e o calor vibrante que a mocidade põe sempre nas suas obras e nas suas atitudes. Somos novos, somos jovens ainda, é certo, mas não se veja na nossa mocidade, na nossa juventude, irreflexão ou falha de senso prático. Os nossos entusiasmos, as nossas exaltações, as palavras violentas que as circunstancias possam, por vezes, levar-nos a escrever ou a pronunciar, são sempre ditadas pelo muito amor que temos à nossa terra, são sempre inspiradas pelos mais elevados, pelos mais puros e nobres principios. Ao canalha que nos surja na primeira esquina sombria a pretender anavalhar-nos, porventura assassinar-nos, não podemos nós, porque somos homens, porque somos corajosos, porque não tememos o perigo, tratar com carinhos, com desvelos solícitos. Temos, necessariamente, de os reprimir, de os fazer fugir, de lhes tornar impossível a feia acção. E para isso a violência é necessária.

SUPER FLUMINA...

Do PS. DAVID. CXXXVI

Trazidos, sem piedade, ao duro captivoiro,
A' voz do vencedor, no auge da desdita,
Prostamo-nos sem voz, junto ao rio estrangeiro,
O nosso lar chorando, a Patria Bemdita!...

Harpas mudas de dor, pendentes do salgueiro,
Onde os cantos do Templo, o estro israelita?
O jubilo sucumbe ao povo prisioneiro,
Entregue ao odio insano, á furia maldita!...

O' Filha de Sião, ó ninho amado e grato,
Se eu te esquecer, adira a lingua ao meu palato,
O' margens do Jordão, objectos de saudade!...

Jeová, supremo e bom, bendito o ser humano,
Que, em desespero e dor, esmague o vil tirano,
Que nos roubo da Patria o seio—A Liberdade!

MENDES SIMÕES.

QUAL a impressão que causou o nosso primeiro numero?

A melhor e a peor.

A peor, naqueles a quem assentaram bem as carapuças que lhe distribuimos nesse numero. E alguns houve que as enterraram bem e o manifestaram melhor. Uns protestaram em alta grita a s quatro ventos, outros julgando dar-nos um grande abalo devolveram-nos o jornal. Enfim modos de ver...

A melhor, naqueles que pela sua intelligencia e pela melhor compreensão do nosso esforço, nos incitam a cada momento.

É dos livros e da mais perfeita sabedoria popular: há de tudo, bom e mau, neste mundo.

□ □ □

CHEGOU o inverno, e com êle, os aguaceiros torrenciais que toda a gente previa em consequência de longa estiagem.

Pois senhores, atravessam-se essas ruas da cidade, e é ver êsses caleiros rotinhos de todo.

Não haverá aí um zelador, um policia ou uma coisa qualquer que olhe por estas coisas?

Não haverá pelo menos alguém que mande?

Mas a proposito, não queremos deixar de frisar que todos ou quasi todos os edificios públicos, nem caleiros tem e que nos dias chuvosos são o calvario dos transeuntes.

Quando começaremos nós, governantes e governados, a olhar para esta linda cidade, como terra civilisada?

□ □ □

FOI-NOS comunicado oficialmente que abriram ao serviço publico as cabines telefonicas de Guimarães, Fafe e Taipas.

Finalmente está satisfeita uma das mais justas aspirações desta cidade.

Bom seria que não se fizesse esperar a instalação da tão almejada rede urbana que inumeros serviços deve prestar ao commercio e industria locais.

□ □ □

UM gesto digno.

No dia em que chegou a Guimarães a comissão que em Lisboa tratou da integridade do concelho, saíu á noite uma manifestação acompanhada de uma marcha luminosa que foi oferecida á Associação dos Empregados do Comercio, pelo conhecido illuminador desta cidade sr. Bernardo Barreira.

Foi um gesto simpatico que toda a gente elogiou. Muito bem.

□ □ □

PARA que se fecha a água nos fontanários?

Porventura deixar-se-há de gastar a mesma quantidade de água?

Creemos que não. Quem a gasta para uso domestico não a pode dispensar.

Então que se lucra em obrigar os municipes a ir a maiores distancias perder tempo?

Parece-nos que nada. Ou a lógica é uma balata.

Para um anónimo

O acaso trouxe-nos às mãos o jornal «O Mundo» de 10 do corrente, aonde encontramos uma correspondência de Vizela que não podemos deixar passar sem uma resposta condigna, pois que ao acabar de lêr tão rico naco de prosa não podemos tirar outra conclusão, senão a de que tinha sido escrita por um aleivoso.

Antes, porém, de entrarmos na apreciação do escrito do excelente prosador, precisamos de mais uma vez afirmar aqui, e bem alto, para que o autor de tal correspondência ouça bem, para que toda a gente mais uma vez ouça, que o Grupo PRO VIMARANE, tendo dentro de si elementos de todas as fações políticas, não tende, não tenderá nunca para lado algum.

Pôsto isto, parece que deve saltar aos olhos de toda a gente, que o nosso jornal, fará sempre, e em todos os casos, única e exclusivamente justiça; e justiça, é o que vamos fazer ao senhor sem nome.

Principiou o senhor sem nome como homem habil que parece querer ser, por lançar uma venda aos olhos de quem lesse o seu arazoado, para ao fim, ficar com a impressão de que o senhor sem nome, era um homem absolutamente imparcial.

Mas, maldita inclinação do habito! Se o arazoado estava muito bem começado, ficou muito mal acabado; porque, cedendo certamente á propensão que o senhor sem nome tem para a mentira, o escrito saiu-lhe mentiroso.

Senão, vejamos; diz o senhor sem nome:

Mas o alarme do concelho de Vizela nos arralaís monarchicos não é pela sua formação, é porque Vizela republicana como é, desmembrada de Guimarães de saparece esse baluarte em que os monarchicos tanto confiam.

Pelo amor de Deus senhor sem nome; vê-se que o senhor ao escrever o período que transcrevemos, estava com uma grossa vontade de mentir, e que a mão que empunhava a caneta, tendia para outro lado, resultando daí nma confusão de ideas que confessamos não compreender.

Pois se Vizela é republicana, como é que o senhor sem nome explica que ela seja o baluarte, o sustentaculo dos monarchicos?

Francamente, vê-se, advinha-se aqui grande asneira. Mas, a par de mentiroso tem o senhor sem nome outro defeito, que é o de ser absolutamente cego, pois que não viu em jornais republicanos entrevistas, concedidas pela comissão de Guimarães que foi a Lisboa.

Eu bem sei que o senhor certamente não compra todos os jornais, e que portanto só viu essa entrevista naquêle que em sua casa recebe.

Mente também ao afirmar, que o povo das freguesias que Vizela queria para o seu concelho, soube ensinar a quem lá

GUIMARÃES não tem um Hotel!

Dai-me testemunho do hotel onde poisaste e dir-vos hei do valor da terra onde estiveste!

Este axioma pode parecer ouzado, mas não agride a verdade nem a lógica. Basta saber-se isto: um hotel modêlo é o sinete dum estado de civilização. Talvez fôsse por êste conceito que Savarin medisse a sua frase:

—«Diz-me o que comes, dir-te hei quem és!»

Não avancarei em afirmar que a primeira manifestação de progresso dum terra comece por ter um bom hotel. Convenho todavia que, uma terra sem um bom hotel, é uma terra sem simpatias.

Compreende-se: Sendo o homem dos nossos dias um animal de egoísmo arqui-civilizado, gosta naturalmente de ser bem servido — de topar ao seu alcance boa comedoria e boa aposentadoria. Foi para seu deleite que a mui antiga e mui nobre sciência culinária se rotulou de «arte».

Intransigente o homem moderno com tôdas as ficções hoteleiras, o seu mau humor logo se revela, dizendo não só mal do hotel onde esteve, mas da própria terra onde o encontrou. E aqui é que reside o foco de todo o mal!

E vão lá dizer ao viajero mais insigne—que um hotel não pode ser a pedra de toque, a bitola do valor dum terra; vão lá explicar a um estomago derrançado que uma terra vale sobretudo pelas características da sua tradição, dos seus costumes, dos seus monumentos, das suas paisagens, do seu esforço industrial e agrícola; vão lá desculpar-lhe o pormenor dum mau hotel que êle, arrotando azêdo, fulminantemente responderá, encolhendo os ombros:

—«Pois sim, sim, mas é uma terrinha impossivel: não tem um hotel!...»

O Hotel do Toural, é certo, passou por uma transformação. Foi refrescoado. A mesa foi melhorada. O sr. Pedro é... amavel. Mas, que diabo! a terra tem direito a desejar mais alguma coisa. Não ha, esta é a verdade, uma instalação, um edificio para

foi colher as suas assinaturas o caminho da dignidade; mente porque nós podemos mostrar ao senhor sem nome os cadernos com as assinaturas necessarias, para que num periodo politico normal, não houvesse lei alguma que permitisse a desanexação das referidas freguesias.

Viu também o senhor sem nome no grandioso e brilhante movimento que a cidade de Guimarães levou a efeito, um movimento perigoso para a Republica.

Arre que é burro! Queixe-se depois senhor sem nome que as campanhas dos nossos jornais são baixas.

Fique sabendo que todos, republicanos e monarchicos, co-

um bom hotel: e é preciso construí-lo!

Aonde a emprêsa para isso? Não sei. Torna-se todavia mister agitar esta ideia, para ser um dia posta em prática: pelos de casa ou pelos de fora.

Entretanto, é bom dizer a mestre Pedro: que não perca de vista a cosinha do seu hotel.

A ideia curta e avara de que, não tendo concorrência, todos terão de *gramar* o que houver, é uma ideia atentatória não só dos interesses industriais do hoteleiro, como dos interesses colectivos da nossa terra.

Perte, ce-lhe, é certo, o hotel: mas os hóspedes são mais nossos do que dêle. Ninguém viaja até Guimarães — para comer. Quem aqui vem, é para transaccionar com os nossos industriais, com os nossos comerciantes; é para ver os nossos monumentos, os nossos museus, a fisionomia, enfim, da nossa terra: mas tanto mais bem impressionados irão daqui, quanto melhor os tratarmos; tanto mais horas passarão entre nós, quanto melhor forem tratados, de cama e mesa.

Lucra o hotel e lucra a terra.

Não será preciso, com a breca! que um mestre cosinheiro seja formado «em sciências naturais»; mas, já por bem cosinhar certo faizão, um poeta distinguiu um cosinheiro com um barrete cardinalício — todo lírico.

O cosinheiro, como um confectionador de paladares que é, precisa saber traduzir a sensibilidade pituitaria e os apetites gostativos, por maneira que o abade de Priscos fique... a perder de vista.

E não se estranhe êste aconselhar ao industrial hoteleiro. Assim como as nossas velhas indústrias teem progredido, não é justo que a indústria hoteleira, entre nós, seja estacionária. Cumpre que Guimarães combata a funesta sentença que contra nós pesa:—Que é uma terra sem um hotel!

E, turisticamente falando,—está exacto o conceito.

Pois toca a organizar a grande emprêsa para que um Grande Hotel Moderno surja!

A. L. DE CARVALHO.

laboraram no sentido de que se conservasse intacto o nosso concelho.

A ultima mentira que no seu arazoado o senhor sem nome bolsou, foi a de que, Guimarães só queria o aniquilamento de Vizela.

Arre que nunca vi tanta parvoice junta!

Mas então dirá o senhor sem nome o que lucraria Guimarães com isso?

A nós quer-nos parecer o contrario.

Vá, concentre-se um pouco, coordene as suas ideas, e concorde que nós temos motivo para lhe chamarmos duplamente parvo.

JOM.

Pios

Desigualdade

de processos

Assistimos, como não podia deixar de ser, ao comício realizado há dias como protesto contra a pretensa criação do concelho de Vizela. Foi uma manifestação grandiosa, das mais grandiosas, mesmo, que temos visto. A ela não recusou ninguém a sua cooperação. Desde as individualidades mais em destaque na nossa terra até ao humilde operário, tu o ali se encontrava, vivendo os mesmos instantes de justa revolta e indignação contra o procedimento de alguns filhos desta mesma terra, que julgando ter chegado a hora da sua emancipação e sem quere-m saber dos resultados que lhes trará tal medida, se deixam levar pelas palavras que n e t e s mas mentirosas de meia dúzia de pretenciosos, pondo, assim, em sério risco, a integridade do nosso concelho.

Falou quem devia falar. Ouviu, compreendeu e aplaudiu tôda a gente. E' nomeada uma comissão que, interpretando o sentir da grande maioria da população dum concelho, vai lá baixo dizer aos senhores que governam, e que parece não serem demasiado profundos no conhecimento da corografia e história de Portugal, pelo menos no que respeita a êste bocadinho de terra onde vivemos, que Guimarães deve merecer um pouco mais de atenção por parte dos Poderes Públicos porque... já basta de afrontas!

A comissão, honra lhe seja, depois de ter trabalhado e trabalhado bem para convencer os nossos governantes da justiça que nos assiste, retira com a promessa segura de que o concelho de Guimarães não será desmembrado, promessa em que, segundo ouvimos, está empenhada a honra de todos os ministros.

Muito bem. As nossas felicitações sinceras a todos os membros da comissão por terem conseguido levar a bom termo uma emprêsa bem difficil, e muito especialmente à Ex.^{ma} Câmara a quem se deve a iniciativa da realização do comício que foi, indiscutivelmente, o facto marcante nesta questão.

Mas... cá vai agora um reparozinho.

Se, quando há tempos nos roubaram o nosso regimento, enviando-o em fracções para diferentes terras, tivéssemos empregado o mesmo esforço, a mesma persistência e usado da mesma táctica, não teríamos conseguido o seu regresso ou, pelo menos, a manutenção aqui dum parte, pequena que fôsse?

Porque se não fez um comício?

Porque se não fizeram proclamar, por meio da imprensa, como desta vez, os direitos dum cidade que, segundo uma recente estatística, e isto basta, é uma das maiores contribuintes do país?

Deverá considerar-se esta

Para

Desfazer

—afirmações gratuitas

Lemos, por acaso, no número de 11 do corrente de o "Diário do Pôrto", uma entrevista com o sr. Carlos Bravo sobre a tão decantada pretensão de Vizela.

Não temos procuração do sr. dr. Dias Pinheiro para o defender; no entanto, não deixaremos de dizer que aquele illustre vizelense, nas suas declarações aos jornais, tem pecado, única e simplesmente, por fazer afirmações que não estriba em dados estatísticos, em bases seguras e inofensíveis.

Afirmações gratuitas em que se citam números cuja origem se desconhece.

Para desfazer tam habilidosa verborreia, estamos colhendo elementos com que havemos de destruir esses fantásticos castelos sem alicerces, sem consistência, que o sr. Carlos Bravo classifica de argumentos.

No final da entrevista a que nos vimos referindo, faz-se uma apreciação ao nosso jornal e director, tam infeliz como infelizes são todas as afirmações do entrevistado.

O nosso jornal, estamos fartos de o repetir, não veio para, encapotado nos falsos preconceitos sociais, esconder aquilo que toda a gente sente, e que nem toda a gente sabe ou o quer dizer.

As verdades, quando ditas naquela linguagem que não oferece uma dupla interpretação, e que não dá margem a subtúrgios, a desvios mais ou menos habilidosos, são aquelas que mais nos magoam e mais fundo ferem o nosso amor próprio.

E até breve.

Souza Lobo

Para Viana do Castelo retirou o nosso amigo Ex.^{mo} Sr. Domingos Pereira Pinto de Souza Lobo, que nesta cidade exerceu por muitos anos o cargo de Secretário de Finanças.

A sua ex.^a que entre nós gosa de geral simpatia, agradecemos o seu cartão de despedida.

questão como de menor importância?

Quere-nos parecer que não.

Enfim, como águas passadas não movem moínhos, consolemo-nos com a certeza de que ao menos o concelho de Guimarães ficará intacto.

Ah! mas o 20, o 20 era muito nosso!

CORUJA.

O prometido...

No último número, referimo-nos vagamente ao nosso colega local "A Velha Guarda", prometendo dar-lhe uma resposta condigna.

Aqui estamos a desobrigar-nos dessa promessa.

"A Velha Guarda", no seu n.º 154, de 30 de Outubro pretérito, em editorial, diz-nos, irónicamente, que vamos *fazer tremor Tróia, ressuscitando o "Pro Vimarane"* e, logo a seguir, que *não é de jornais que precisamos, mas sim de acção, energia, brio e patriotismo.*

Se não é de jornais que precisamos que veio fazer "A Velha Guarda", *órgão local do Partido Republicano Português?*

Toda a gente o sabe. "A Velha Guarda" só aparece quando *a outra coisa* lhe foge. "A Velha Guarda" é o jornal a quem menos autoridade reconhecemos para dizer que não é de jornais que precisamos.

Onde está "A Velha Guarda", quando o seu partido, alcançado nas cadeiras do poder, talha a seu bel-prazer, nem sempre tendo em vista os sagrados interesses da nossa terra?

Sim, onde está "A Velha Guarda", quando os interesses desta cidade e concelho são ofendidos?

"A Velha Guarda", é *órgão dum partido*, e, como tal, defende esse partido mesmo contra esses interesses.

Assim é que está certo.

Esta é que é a verdade.

Sem desprimor para qualquer colega local, nenhum, pelas suas afinidades políticas, poderá fazer a obra de morigeração e escalpelização de costumes que nos propomos fazer.

Para isso basta a nossa isen-

ção política, a nossa divisa PRO VIMARANE.

Quanto ao tal patriotismo, uma vez que estamos com a mão na massa, não deixaremos de nos referir à maneira como o partido de que é órgão "A Velha Guarda", se portou na questão do concelho de Vizela.

Toda a gente sabe que, hoje, o único partido organizado neste concelho é o democrático.

Pois alguns influentes desse partido n.º aquelas freguesias que Vizela procurou desanexar, vieram até junto de alguém que no partido superintende, perguntar qual a atitude que deveriam tomar ante tal pretensão.

A resposta foi clara e conclusiva: Façam o que quiserem que nós não nos metemos nisso.

E foi assim que o editor daquele jornal que nos vem perguntar: *"e o que faz o Pro Vimarane?"*, andou de porta em porta, numa daquelas freguesias, angariando assinaturas do eleitorado para que desse a sua concordância à formação do novo concelho.

São estas as verdades que o PRO VIMARANE não sabe esconder.

Foi para isto que reapareceu o PRO VIMARANE.

Para terminar, não queremos ocultar, por um dever de lealdade, que foi com cartas do ex.^{mo} sr. dr. Mariano Felgueiras que alguns membros deste Grupo se apresentaram nas mesmas freguesias, onde constataram que quasi toda a população, repudiava a criação do novo concelho.

SÉRGIO VIDAL.

Uma vergonha!

Vossas excelencias já repararam para aquela vergonha das sentinas da estação do caminho de ferro de Guimarães?

Aquela imundice inqualificavel promete eternisar-se, pois que as sentinas novas há mais de um ano que estão naquele estado das obras de Santa Engracia.

Chamamos a atenção de quem competir, para aquele chiqueiro imundo que é a vergonha da companhia.

Não sabemos se os nossos brados serão ouvidos por quem hoje dirige a companhia; se fosse noutro tempo, temos a certeza que aquilo já teria acabado.

Mas que fazer-lhe se andamos em maré de azar. Até nisto.

S. Nicolau

Vai, dentro de dias, realizar-se a festa anual dos Académicos do nosso Liceu.

«O Pinheiro!» «O S. Nicolau!»—quantas recordações saudosas, quantos passos já dados, alegremente, no caminho da vida, quantas esperanças já perdidas, quantas ilusões sempre renovadas!...

Mocidades cheias de vida, espíritos guiados pelos melhores designios, almas ainda cheias de fé, corações ardendo na chama do mais puro amor pela Terra Portuguesa—são os estudantes de Portugal, os homens do Amanhã, o penhor seguro da reconstrução, da reno-

DISTRACÇÕES PARVAS

O «Ecos de Guimarães» tem um colaborador — V. M. — que se entretém a escrever asneiras, sem nexos, sem gramática e sem piada, apesar de muito se esforçar por a ter. Também não admira, são *distracções*.

Mas, sr. V. M., *distraia-se* lá com quem quiser e não venha miseravelmente, porque simplesmente miseravel é o seu arrazoado, com insinuações que lhe devolvemos inteiramente.

Com que então o que queremos é painço?

Arre que é asno.

Em que se firma para insinuar uma coisa que ninguém compreende o sentido.

Se *quem escreve, é gratis* (sic) o resto custa muito dinheiro, que os assinantes pagarão.

Não é de graça, não, e desde já fique sabendo que dos nossos cadernos de assinantes não consta nenhum designado com as iniciais V. M., porque se constasse, nunca lhe enviaríamos o jornal a não ser contra reembolso da importância do seu custo.

Sabe sr. *distraindo*, nós não enviamos o nosso jornal a anónimos e por conseguinte irresponsáveis.

Mas se o *ilustre* encoberto quiser declinar o seu nome, não pomos duvida alguma em lhe enviar gratuitamente o jornal ou ainda mais, submeter à sua apreciação toda a materia a publicar, esperando resignadamente a sua auctorisação para a dar à luz da publicidade.

Já agora é mais uma censura, mas resta-nos a consolação de que V. M. não nos permitirá a publicação daquilo que já foi tratado por elle.

Se não fosse recearmos ofender a moral, dar-lhe-hiamos apenas uma resposta, aproveitando as iniciais que usa e applicando a estafadissima frase de Cambrone.

Assinar o "Pro Vimarane," é contribuir para o desenvolvimento moral e material da nossa terra, defendendo-a de todos os inimigos.

vação, do Resgate da nossa Pátria.

Que elles saibam, enquanto estudantes, divertir-se, e que, quando o seu esforço for necessário, saibam e queiram empregá-lo na obra máxima e sacrosanta dum Portugal Maior!

PÁGINA LITERÁRIA

Pobre Feia

Vai há meses já, que te encontrei, numa tarde de sol, a passear no jardim público, com um bando alegre de raparigas, quando meus olhos, de repente, te insultaram — chamando-te FEIA.

Um amigo, que me acompanhava, aproveitando esta ocasião, olhou-te atentamente de frente, e disse-me: E' feia, realmente! Se não fôsem os auornos com que se enfeita... Mesmo assim não gosto dela! Basta reparar nisto, que é flagrante: não tem um namôro.

Pobre FEIA!

Mas o tempo foi passando, e aquele amigo, não sei porquê, continuou a fitá-la, tantas vezes, que eu, saindo do meu silêncio, perguntei-lhe num entôno áspero de censura a tempo: — Olha lá! A feia é realmente feia!? Confessou então que se tinha enganado, porque nela encontrara qualquer coisa de belo que o trazia assim como que prezo e acorrentado aos olhos fundos e negros da triste feia. Qualquer coisa que nem êle sabia explicar, mas que sentia fundo, muito fundo, a dominá-lo, a arrastá-lo, talvez o destino castigando-o, porque um dia a ofendeu chamando-lhe feia.

Não sei se aqueles olhos se trocaram algum dia na linguagem muda que só as almas sabem compreender e sentir. Nunca os vi juntos, em colóquio amoroso, por mais que investigasse.

Certo dia, o meu amigo desaparecia de Guimarães, quem sabe se o Destino os separava para felicidade de ambos? — enquanto ela continua nos seus passeios, sôzinha agora, pelo jardim da sua casa — olhos negros a dizer paixão, lábios em resa de súplica e de esperança.

Só o tempo continuou no seu giro, implacável e severo até para a existência dos homens que o cutelo da Morte, em desafio cruel, ceifa num riso sarcástico, dando-lhes a Vida dos seres espirituais.

JORGE DE AZURÉM.

O amor desordenado e o vão temor são duas fontes que produzem todas as inquietações do coração e as distrações dos sentidos.

TOMAZ DE KEMPIS.

FRIVOLIDADES

■ ■ ■ ■ ■

Amores de ontem e de hoje...

... De certo minha amiga, os amores, platonicos ou não, vão passando à historia das coisas sem realidade e sem sentido, e vivem e perduram apenas no âmbito estreito do nosso ilusionismo.

Somos nós, é a nossa fantasia de sonhadores, que lhe dá significado, vida, consistencia.

O amor, nos nossos dias, á luz deste seculo tartufo não encontramos adjectivo mais proprio do que serviu de nome à obra prima de Molière —, é tão sómente um fantasma ou um mito. Nem sequer tem o fim moral duma fabulação.

Sédiço e arcaico, o amor: será quando muito, d'oravante, uma simples recordação historica, que entrará definitivamente nos domínios da lenda e do inverosimil.

A lagrima vertida em silencio por meninas e moças de olhos pisados, fez a sua época, tanto no emaranhado do romance, como no ilusivo do amor. Pois ignora ainda que as setas d'otro de Cupido foram modernamente substituidas por notas de banco?

Não ha motivo para nos admirarmos: se tudo act almente no mundo se curva, n'uma vossalagem escravista, perante o deus Milhão, porque causa não ha-de o amor ser interesseiro e egoista tambem?

E' inutil procurar se coração no amor, sentimento nas paixões, verdade nos labios: pergunte-se pelo dote, indague-se dos bens, peça-se informações às casas bancarias.

Os ingenuos, os futeis Romeus, de parceria com as palidas Julietas d'outrora desapareceram totalmente do palco da vida hodierna: jazem esquecidos nas paginas bolorentas das fastidiosas novelas que fizeram a delicia do passado. A sua existencia, hoje,

não poderia compreender-se: a sua deslocação evidente.

As mesmas cartas de amor são coisas triviais de que o nosso utilitarismo desdenharia: hoje manuseia-se melhor, e mais proveitosamente, o livro dos cheques.

O espiritualismo amoroso, que pôs em extase tantos e tantos enamorados, desapareceu, de cachexia senil: sucedeu-lhe o amor material que, embora não se acomode tanto ao romance delambido e piégas, quadra melhor no momento que passa...

O amor, como tudo, afinal, perdeu o lirismo, a poesia, para se tornar mais prosaico, mais sans-çãon, mais acessivel á estupidéz corruptora e animalésca dos nossos dias.

Ao amor eterno, jurado de olhos em alvo à luz branca do luar, sucedeu, e ainda bem, o amor à la minute...

E' menos certo? Que importa, se é mais pratico?

Não são o utilitarismo e o interesse o que caracteriza, o que define a vida presente?

Porque devia o amor de fazer uma excepção à regra?

Dantes, o amor era uma coisa pesada, maçada, poeirenta como um velho códice. Havia necessidade de o tornar menos complicado mais leve... Era necessario tirar-lhe aquella apparencia grave, da antiguidade de museu...

E o amor subtilizou-se, como não podia deixar de ser... E que admira que assim tivesse sucedido se a mulher pertence á classe dos imponderaveis, dos levissimos, do meramente abstracto?

Pois não é verdade que é mais chic, tem mais graça, é mais da moda, o amor doidivasas, love-lace, cabecinha de vento!

RUY DE LANCASTRE.

Fonte dos amores

O' água triste, não chores,
Vai de vagar, de vagar...
Que ela não cuide que choras
Porque me viste chorar!

Ai não soluces tam alto,
O' fonte do seu caminho!
Água chorosa e romântica,
Fala mais devagarinho...

Não digas nessa toada
Melancolias às flores;
O' fonte, vai sossegada,
Nunca lhes fales de amores.

O homem mau tem só a maldade própria; o fraco tem a maldade de todos os que o rodeiam e o admiram.

A. KARR.

Não contes o que me ouviste,
O que te estive a dizer...
Sê contente, água romântica,
Que ela o não venha a saber!

Olha as minhas mãos ardentes,
Refresca-as, fonte amorosa!
Olha os meus olhos vermelhos,
—E' de rir, água chorosa!

O' água triste, cautela,
Vai de vagar, de vagar...
Que ela não pense que choras
Porque me ouviste chorar!

JÚLIO BRANDÃO.

O que fala sem reflectir assemelha-se ao caçador que dispara sem fazer pontaria.

MONTESQUIEU.

Da minha seara

Enquanto nós, os vimaranenses, andamos em enhadados na defeza sagrada dos interesses vitais de Guimarães, e o «PRO VIMARANE» se criou e fundou exclusivamente para estar à vela na salvaguarda do progresso e desenvolvimento da terra que nos viu a todos nascer, saibamos também cuidar a sério, e com carinho, da educação da mulher e da criança, tam necessária entre nós, porque o meio em que vivemos é fértil para a sua desmoralização.

Pensar na perfeição moral da mulher é caminharmos para a bôa harmonia da sociedade — desta sociedade que se corrompe diàriamente em conversas alacres dum materialismo que rebaixa o sentimento e o carácter da mulher — levantando-a do atoleiro para que se encaminha às cegas e inconscientemente. A mulher tem de ser forte para vencer tôdas as dificuldades que a perseguem na vida.

A mulher tem sido vítima dos seus próprios erros... e da demasiada confiança que em si deposita? Sem dúvida. Mas, por isso mesmo, necessario se torna educá-la, moral e intellectualmente, ensinando-a a ser comedida tanto na rua como na igreja; e, em casa, saber ser mãe, esposa, filha e irmã.

Novembro — 1926.

MARIA CLARA.

O homem ocioso é como a água estagnada, corrompe-se.

LATENA.

Museu

de Arte-Sacra

Chega ao nosso conhecimento que um grupo de devotados vimaranenses, entre os quais os Ex.^{mos} Srs.: Abel Cardoso, José de Pina, D. José Ferrão, Jerônimo Almeida, Alfredo Guimarães e Martinho de Sousa Lobo, pensa em levar por deante a ideia da criação nesta cidade de um Museu de Arte Sacra, escolhendo para sua instalação a extinta igreja de Santa Clara.

E' uma ideia que não podemos deixar de aplaudir com todo o calor da nossa alma de vimaranenses.

A comissão que se propõe pôr em pratica tão arrojada iniciativa, é composta de creaturas cujo valor e competencia são de todos sobejamente conhecidos.

No proximo numero daremos uma mais circunstanciada noticia.